

# Dossiê Gêneros e Imagens vol. 1

## Apresentação

Barbara Copque<sup>1</sup>

Fabiene Gama<sup>2</sup>

Fernanda Rechenberg<sup>3</sup>

A pesquisa feminista acadêmica e ativista tentou repetidas vezes responder à questão sobre o que nós queremos dizer com o termo, intrigante e inescapável, "objetividade". Temos gasto muita tinta tóxica e árvores transformadas em papel para difamar o que eles queriam dizer com o termo e como isso nos machuca. O "eles" imaginado constitui uma espécie de conspiração invisível de cientistas e filósofos masculinistas, dotados de bolsas de pesquisa e de laboratórios; o "nós" imaginado são os outros corporificados, a quem não se permite não ter um corpo, um ponto de vista finito e, portanto, um viés desqualificador e poluidor em qualquer discussão relevante, fora de nossos pequenos círculos, nos quais uma revista de circulação de "massa" pode alcançar alguns milhares de leitores, em sua maioria com ódio da ciência. (Haraway, 1995: 7)

Os estudos de gênero e da imagem na antropologia possuem em comum o incômodo em torno da discussão sobre objetividade e busca de uma pretensa neutralidade na produção do conhecimento científico. Cientes de que toda a produção científica é fruto de inquietações que perpassam a subjetividade das pessoas, construída em relações sociais, sabemos que cada encontro etnográfico produz um saber específico, fruto das verdades de cada encontro.

A ideia de propor um dossiê sobre as relações entre os estudos de gênero e da imagem surgiu a partir da percepção de que a interseção entre esses campos de conhecimento têm se intensificado nos últimos anos na antropologia brasileira (Almeida, 2007 e 2015; Copque, 2010; Gama, 2018; Grunvald, 2015). Cada vez mais surgem trabalhos que abordam questões relacionadas às identidades de gênero, suas apresentações e representações, assim como

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [barbara.copque@gmail.com](mailto:barbara.copque@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5258-1439>

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [fabiene.gama@ufrgs.br](mailto:fabiene.gama@ufrgs.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9152-0903>

<sup>3</sup> Universidade Federal de Alagoas, Brasil. E-mail: [fernandarechenberg@gmail.com](mailto:fernandarechenberg@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2793-8333>

reflexões sobre sexualidades, mas também sobre política, direitos, ativismos e movimentos sociais, mulheres, homens, pessoas intersexs, pessoas cis, pessoas trans, pessoas não-binárias, masculinidades, feminilidades, entre outros.

Os debates sobre esses temas também têm se intensificado na arena política e na vida cotidiana, especialmente nos últimos anos, com as políticas conservadoras do governo no poder e a ascensão da extrema-direita, no Brasil e alhures (Miguel, 2021).

A partir de reflexões e práticas relacionadas ao campo das artes, do cinema, da fotografia, do desenho, das colagens, dos grafites e das performances, diversas autoras e autores têm se debruçado sobre as imagens considerando, nestes processos de produções e análises de imagens, suas posicionalidades (Ribeiro, 2020), refletindo sobre suas implicações, limitações e potencialidades. As abordagens interdisciplinares, favorecidas pela teoria feminista, têm sido fundamentais na compreensão das estruturas que conformam certas leituras gendradas e engendradas das imagens, considerando o gênero, em suas representações e auto-representações, como produto de tecnologias sociais (Lauretis, 1994). Para Griselda Pollock (2001), o encontro do feminismo com o cânone da História da Arte tem sido complexo e multi-estratificado, produzindo um conjunto de posturas táticas em relação mas também em contradição com tal cânone. O acúmulo de práticas e pensamentos produz estratégias críticas deslocadas dos limites dos cânones artísticos, suas tradições seletivas, seus discursos e suas estruturas de exclusão, possibilitando novas imaginações na leitura e produção das artes visuais (Pollock, 2001: 141).

Se as assimetrias de gênero são cada vez mais evidenciadas nas produções imagéticas (Wobeto, 2021), estas, por sua vez, não podem ser analisadas sem levar em consideração o conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Akotirene, 2020) como chave para a compreensão das opressões articuladas entre gênero, raça, classe social, mas também de idade, sexualidade e saúde, entre outras. Como nos lembra bell hooks, "Nenhuma intervenção mudou mais a cara do feminismo norte-americano do que a exigência de que pensadoras feministas reconhecessem a realidade de raça e racismo." (hooks, 2018: 74). No campo das artes visuais, diversas autoras têm elaborado críticas contundentes às nuances da exclusão e subrepresentação das mulheres negras na arte euroétnica (Piper, 2020; Bittencourt, 2018; Felinto, 2019).

Para Maria Lugones (2014), o olhar feminista hegemônico e ocidental, marcado pelo eurocentrismo e caracterizado por princípios abstratos de igualdade e liberdade, não levam em conta que as mulheres estão situadas em posições sociais distintas em função de suas características culturais, políticas, econômicas, raciais e sexuais, entre outras. O feminismo

decolonial, assim, propõe um rompimento com esse pensamento universalista, apontando para a importância de percebermos as diversas experiências das mulheres vividas mediadas pelos mais distintos marcadores sociais da diferença.

Para a autora, a modernidade, organizada ontologicamente em categorias homogêneas e separáveis, como “mulher” e “negro”, recusa a intersecção entre esses marcadores, negando a existência de mulheres negras e mulheres indígenas, por exemplo, que não se sentem representadas na categoria universal “mulher” e muitas vezes não compartilham de questões e inquietações apresentadas por mulheres brancas.

Ao estabelecer uma relação entre gênero e colonialidade, Lugones dialoga com outra socióloga, a nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2004), que em seu trabalho chama a atenção para o fato de que, antes da colonização, diversas sociedades africanas não eram marcadas pela divisão de gênero tal qual experimentamos no ocidente e também não operavam por meio de categorias dicotômicas e binárias.

Oyěwùmí nos chama a atenção para “a invenção da mulher” e demonstra, como Lugones, o modo como o processo de colonização enraíza concepções ocidentais de gênero, universalizando relações de oposição características do pensamento ocidental para outras culturas e sociedade. É preciso, neste sentido, atentarmos para as peculiaridades de cada grupo que estudamos e o que significa “ser mulher”, “ser homem”, não se identificar com uma nem com outro, mas também todas as críticas e defesas que surgem em relação ao feminino, ao masculino, ao não binário etc. Pois para compreender desigualdades e construir saídas às masculinidades hegemônicas, brancas e heteronormativas é preciso atentar para as diferentes nuances de privilégios e opressões nas relações sociais.

Como diz a antropóloga inglesa Marilyn Strathern (2006), se o movimento feminista tem suas raízes na sociedade ocidental, é imperativo contextualizar seus pressupostos. Para a autora,

Antropologia fornece materiais para parte do empreendimento feminista através de suas minuciosas pesquisas sobre os construtos ocidentais. Algumas de suas contribuições são: a desconstrução dos idiomas biologistas do Ocidente; a compreensão de que o que acontece com as mulheres não pode ser compreendido a não ser que observemos o que acontece aos homens e às mulheres, e o que acontece neste domínio não pode ser compreendido sem prestar a atenção a todo o sistema social; e continua a fornecer vislumbres de outros mundos, em diferentes formas de opressão e de liberdade. (Strathern, 2009: 87)

Ainda segundo a autora, a Antropologia e a Teoria Feminista possuem um interesse convergente em torno da diferença, mas são disciplinas vizinhas em tensão. Para exemplificar esta ideia, ela traz para reflexão os debates em torno da “experiência”, tópico importante para

as duas disciplinas. Ela vai dizer que se o objetivo de antropólogas e antropólogos é compreender a "experiência vivida", os estudos feministas desafiam os estereótipos que mal representam as experiências das mulheres, incluindo a construção acadêmica da teoria, que se apropria da fala e da imagem em função dos interesses do patriarcado. Assim, "a experiência se torna no instrumento de um conhecimento que não pode ser apropriado pelos Outros. Somente pode ser compartilhado com pessoas semelhantes" (Strathern, 2009: 96).

Para Strathern, a investigação feminista sugere que é possível descobrir o eu ao se tornar consciente da opressão proveniente do Outro. Desse modo, não poderia haver colaboração com o Outro. Já na antropologia, "o 'Outro' não está sob ataque. Pelo contrário, o esforço consiste em criar a relação com o Outro, como uma busca de um meio de expressão que ofereça interpretações mútuas." (Strathern, 2009: 98). E continua: "Possuiriam assim interesses paralelos, travando um diálogo incômodo na medida em que cada um poderia minar o outro a partir de bases éticas que consideram tão importantes." (Strathern, 2009: 99).

Já de acordo com Donna Haraway, a própria "objetividade feminista" está vinculada à não totalização do eu: "O eu cognoscente é parcial em todas suas formas, nunca acabado, completo, dado ou original; é sempre construído e alinhavado de maneira imperfeita e, portanto, capaz de juntar-se a outro, de ver junto sem pretender ser outro" (Haraway, 1995: 26). Ainda segundo a autora, "A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto." (Haraway, 1995: 23). Ela é uma 'objetividade corporificada' que acomoda projetos científicos a partir de uma perspectiva baseada em saberes localizados.

Inspirando-se no ciborgue de Haraway (1995), que relaciona diferença por conexões parciais, conexões sem suposições de comparação, Strathern sugere que o feminismo e a antropologia devem ser posições para se olhar o outro, cada uma constituindo uma posição para se olhar uma contraposição (Strathern, 2004: 35). Posições que não se completam nem se somam, nem são metades de um todo; mas que se relacionam por conexões parciais. (Strathern, 2004: 38).

Considerando a relevância destas discussões no campo da imagem, o presente dossiê convocou pesquisadoras e pesquisadores a discutirem questões relacionadas às identidades de gênero, suas apresentações e representações, reflexões sobre sexualidades, mas também sobre política, direitos, a(r)tivismos e movimentos sociais. Interessava-nos reunir reflexões em torno das desigualdades nos processos de captação, produção e exposição de trabalhos imagéticos, e dos processos de objetificação dos papéis de gênero nos discursos (áudio)visuais, bem como

as pesquisas etnográficas em torno de artistas e coletivos que oferecem uma mirada crítica sobre tais leituras.

Recebemos tantas propostas interessantes de artigos, relatos de campo, ensaios fotográficos, resenhas e traduções, oriundas de diversas áreas de conhecimento, que optamos por publicá-lo em dois volumes. Este primeiro conta especialmente com artigos sobre críticas feministas à história da arte e da antropologia, a organização de mulheres em coletivos na internet e também nas ruas, as políticas de resistência da arte contra censuras diversas, além de processos de pesquisas antropológicas de, sobre e com mulheres cis e transgêneras, que produzem ou produziram imagens.

O artigo "A sombria e verde terra ao sul do Equador: gênero e imagem no trabalho de Ruth Landes", de Débora Wobeto e Laura Veronese, trata das imagens produzidas pela antropóloga Ruth Landes no Brasil na década de 1930. Focando nas imagens das mães de santo e suas linhagens femininas, disponíveis no acervo digital da National Anthropological Archives, as autoras analisam como os marcadores sociais de Landes produziram condições particulares de pesquisa e também da recepção do seu trabalho.

Em "Duplos espelhos: imagem e representatividade de mulheres negras no Brasil e em Moçambique", Denise Ferreira da Costa Cruz reflete sobre a representatividade de mulheres negras moçambicanas e brasileiras em espaços da Internet. Para a autora, alguns ambientes online promovem a articulação de mulheres negras que se encontram para discutir sobre formas de cuidado e embelezamento de seus cabelos. Configuram, dessa forma, espaços de construção de narrativas positivas sobre a beleza de mulheres negras, colaborando também com a construção de experiências e estéticas com as quais diversas mulheres podem se identificar, colaborando com a representatividade dessa população em múltiplos ambientes sociais.

O artigo focaliza o que Winnie Bueno e Joanna Burigo (2019) chamam de novas formas de fazer feminismo e ativismo: para as autoras, as plataformas virtuais têm ampliado as condições de participação da sociedade brasileira (mas não apenas) e provocado mudanças nas formas de organização dos movimentos feministas. Nesse sentido, vemos como as redes sociais possibilitam o compartilhamento de trajetórias e perspectivas distintas, as quais, no encontro de pontos de convergência, tendem a fortalecer as lutas feministas, ou ainda, o tensionamento e a abertura do debate em torno dos ideais estéticos de beleza, como nos mostram também os artigos de Maria Thereza Gomes de Figueiredo Soares e Rossana Fraga Ferreira. É interessante notar, como sugerem Christine Hine (2020), que "uma abordagem multimodal da etnografia para a Internet, que não trata da fronteira online/offline como um limite de princípio para locais de campo etnográfico" (Hine, 2020: 35), atenta para o fato de que os temas que estudamos

muitas vezes cruzam ou ignoram a fronteira online/offline como princípio organizar para a experiência social.

Em "Vênus são nomes plurais", Maria Thereza Gomes de Figueiredo Soares investiga no Instagram e na Revista Vogue as releituras contemporâneas da pintura *O nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli, buscando compreender como a matriz estética e o teor mitológico-simbólico-clássico afetam as subjetivações na representação dos corpos, sobretudo na criação de releituras capazes de confrontar o ideal de beleza e criar estruturas de visibilidade para os corpos situados à margem dos padrões estéticos normativos.

Já o artigo "Produção representativa de imagens como ferramenta de luta, inserção e permanência em espaços públicos", de Rossana Fraga Ferreira, foca na produção imagética de uma mulher trans, Natasha Roxy, em suas páginas no Youtube, no Instagram e no Facebook dedicadas ao projeto Trans Nômade. A partir de um trabalho de produção imagética compartilhado com a *influencer* trans, Fraga reflete sobre a presença de corpos trans nos espaços públicos, midiáticos e institucionais, promovem deslocamentos e inspiram representatividade para diferentes pessoas.

Em "Coletivos de fotógrafas na América Latina: um estudo de caso do 7Fotografia", Isabella Chianca Bessa Ribeiro do Valle e Maíra Costa Gamarra revisitam reflexivamente a experiência do 7Fotografia, coletivo de fotógrafas criado em 2010 em Recife-PE, cidade brasileira precursora na mobilização de mulheres em coletivos fotográficos. Compreendendo a fotografia, o gênero e a latino-americanidade como territórios, as autoras fazem ainda uma importante revisão em torno dos coletivos fotográficos de mulheres na América Latina, recorte esparsamente tratado nas pesquisas acerca da emergência dos coletivos fotográficos. As reflexões das autoras são particularmente interessantes para entender as mudanças nos coletivos fotográficos no transcurso de pouco mais de uma década, em que as ações de uma micropolítica da existência organizadas em torno do fazer fotográfico passam a focalizar cada vez mais as pautas de gênero.

Pensar as mobilizações artístico-feministas na América Latina também constitui o foco do artigo de Marielen Baldissera. Em "Intervenções feministas nas ruas da América Latina: as artistas se reapropriam de seus corpos", a autora apresenta uma revisão histórica sobre o desenvolvimento do movimento feminista atrelado às artes visuais, focando em seguida nas especificidades de artistas e ativistas latinoamericanas que trabalham com o corpo feminino. Suas reflexões são inspiradas no feminismo decolonial e levam em consideração os impactos do colonialismo e dos governos ditatoriais na produção de artistas que realizam intervenções urbanas feministas sobre os corpos de mulheres.

Os corpos de mulheres são o foco dos trabalhos artísticos de duas grafiteiras que atuam na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, analisados por Patrícia de Souza Nunes em seu artigo "As narrativas de resistência de e sobre mulheres nos grafites da cidade". Neste texto, inspirada em autoras do feminismo negro, Nunes propõe que os grafites são formas de transformar silêncios e invisibilidades em ação. Ao analisar sete murais com personagens mulheres em Natal, ela aponta para o fato de que tais intervenções apresentam corpos de mulheres que se distanciam dos padrões estético-corporais produzidos pela publicidade. E propõe que tais grafites atuam como modos de resistência, ao apresentarem imagens de mulheres, seus corpos e suas sexualidades tidas como tabus.

Gabriela Massote de Lima, em "O corpo masculino enquanto estratégia feminista", analisa imagens de corpos masculinos produzidas por artistas mulheres após os anos 70. Para a autora, tais imagens transformam os estereótipos da representação do nu masculino, historicamente construídas pelo olhar masculino. O olhar feminino para o corpo masculino, somado às teorias de gênero, permite questionar prerrogativas institucionais da História da Arte que excluíram de suas narrativas ou relegaram a papéis secundários artistas mulheres, a partir de códigos visuais, sociais e sexuais tradicionais.

Em "Censura à arte como supressão da esfera pública: algumas observações filosóficas sobre 'ativismo', política e dissidências sexuais e de gênero", Guilherme Mautone discute a censura à arte enquanto tentativa de supressão das dissidências às normatizações de gênero, tomando como eixo central os acontecimentos em torno da obra *Bio-I*, de David Ceccon, na cidade de Porto Alegre (RS) em 2019. O autor explora os argumentos ontológicos, estéticos, administrativos/institucionais e psicológicos pró-censura, discutindo-os à luz de uma concepção mais ampla da arte enquanto insurgência e resistência, com base na filosofia política de Hannah Arendt e Jacques Rancière.

A resenha "Sexismo no campo das artes: Diva, de Juliana Notari", de Michele Salles, analisa a obra *Diva* (2020) da artista pernambucana Juliana Notari a partir do feminismo decolonial de Maria Lugones (2010). A obra, uma escultura de 33 metros em formato de fenda, foi produzida em um antigo canal no município de Água Preta, Pernambuco. Sugerindo uma vulva gigante, a obra gerou polêmicas na mídia e nas redes sociais e tornou a artista nacionalmente conhecida. De acordo com Salles, ao entranhar-se nos canais, a vulva de Notari relaciona a violência de gênero com a violência colonial, chamando a atenção para as interseccionalidades existentes na constituição desigual da sociedade brasileira, marcada pela violência estrutural de raça e gênero.

Em "Corpogravura de um encontro em roda: entrelaçamentos entre gênero e deficiência visual", Olivia von der Weid, Gislana Maria do Socorro Monte do Vale, Clarissa Cristina Oliveira Gonçalves e Rita de Cássia Guaraná Bello apresentam o relato de uma roda de conversas sobre mulheres e deficiência, chamando a atenção para um marcador social que é frequentemente obliterado dos debates sobre violências estruturais: a deficiência. O texto é um relato etnográfico coletivo que emerge do encontro entre mulheres integrantes do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão (MBMC) e a antropóloga Olivia von der Weid quando estas realizam uma roda de conversa a partir do corpo e do movimento como motivadores de troca e da produção de conhecimento que faz emergir uma imagem de um acontecimento, uma *corpogravura*.

Em "Experimentações Gráficas na Etnografia: Observações e Visualidades sobre a 32ª Reunião Brasileira de Antropologia", Katianne de Sousa Almeida apresenta uma etnografia online do evento acadêmico, através de reflexões combinadas a experimentações visuais com colagens e desenhos.

Este número conta ainda com dois ensaios fotográficos. "Desfiladeiras", de Geslline Giovana Braga, apresenta imagens de um projeto em desenvolvimento sobre mulheres acima de 40 anos. Segundo a autora, "mulheres são sempre consideradas velhas para algo". Mas contrapondo fotografias e grafismos antigos, ela produz imagens para fabular sobre "outras representações sobre o passar do tempo", buscando contribuir positivamente com imagens sobre esse grupo.

"Somos um milhão de mulheres", ensaio com curadoria de Giovana e Natania Lopes que reúne imagens de seis trabalhadoras sexuais e é parte de um projeto fotográfico maior, intitulado "O Que Você Não Vê, a prostituição vista por nós mesmas", que contou com 16 fotógrafas, trabalhadoras sexuais do Rio de Janeiro. O projeto foi desenvolvido no âmbito da pesquisa "Os Impactos dos Mega Eventos Esportivos nos Mercados do Sexo no Rio de Janeiro", que contou com a colaboração do movimento brasileiro de prostitutas e financiamento da FAPERJ durante os anos das Olimpíadas e Para-Olimpíadas na cidade.

Já "A política da prostituição no Brasil: entre a 'neutralidade do Estado' e os 'problemas feministas'" é uma versão revista do artigo originalmente publicado em inglês por Sonia Corrêa e José Miguel Nieto Olivar na coletânea *Business of Sex (O Negócio do Sexo)*, organizada pelas feministas indianas Meena Seshu e Laxmi Murthy. Nesta tradução de Natânia Lopes e Dennis Novaes, Corrêa e Olivar apresentam uma versão revista do original, com um prólogo da tradução no qual atualizam o debate. Para além dos aspectos históricos abordados no artigo



original, escrito entre 2009 e 2010, a autora e o autor buscam inspirar leituras do cenário político da prostituição no país hoje.

Convidamos leitores, leitoras a percorrerem a diversidade dos trabalhos apresentados neste dossiê, esperando que as reflexões mobilizadas pelo encontro entre gênero e imagens ajudem a fomentar novos temas e práticas de pesquisa no campo antropológico e em seus cruzamentos interdisciplinares. Boa leitura!

### **Referências Bibliográficas**

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. (Feminismos Plurais/coord.: Djamila Ribeiro). São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. De Malu a Mulher: gênero, sexualidade e feminismo na TV. In: Cristina D Cancela; Laura Moutinho; Júlio Simões. (Org.). *Raça, etnicidade, sexualidade e gênero em perspectiva comparada*. 1ed. São Paulo: Terceiro Nomes, 2015, v. , p. 287-306.

\_\_\_\_\_. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. *Revista Estudos Feministas*, v. 15 (1), p. 177-192, 2007.

BITTENCOURT, Renata. Feminismo, arte e a representação da mulher negra. *Museologia & Interdisciplinaridade* Vol. 7, nº13, Jan./ Jun. de 2018

BUENO, Winnie; BURIGO, Joanna. Possibilidades e limites da utilização do facebook como uma ferramenta de construção de diálogos e saberes entre mulheres. *Interfaces Científicas Humanas e Sociais*, v. 7, n. 3, p. 81-92, 2019

COPQUE, Bárbara. *Uma etnografia visual da maternidade na Penitenciária Talavera Bruce*. Tese de doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

CRENSHAW, Kimberly. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Dossiê III Conferência Mundial contra o Racismo • *Revista Estudos Feministas*. 10 (1). Jan 2002.

GAMA, F.. The personal is political: Emotional performances and political mobilisations among Bangladeshi women. *Vibrant* (Florianópolis), v. 15, p. 1-25, 2018.

GRUNVALD, Vitor. *Existências, insistências e travessias: sobre algumas políticas e poéticas de travestimento*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, n. 5: 7-41, 1995.

HINE, Christine, PARREIRAS, Carolina., & LINS, Beatriz. A. (2020). A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991), 29(2), e181370. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>

hooks, bell. "Raça e Gênero". *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, p. 74-78.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) *Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Disponível em: <http://marcoaureliosc.com.br/cineantropo/lauretis.pdf>

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>.

MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 62, p. e216216, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8667136>.

OYÊWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PIPER, Adrian. *A tríplice negação de artistas mulheres de cor*. (2020). Pequena biblioteca de ensaios: Perspectiva Feminista. Copenhage/Rio de Janeiro: Zazie Edições.

POLLOCK, Griselda. “Diferenciando: el encuentro del feminismo con el canon”. In: REIMAN, K. C.; SAÉNZ, I (Eds). *Crítica feminista en la teoría e historia del arte*. Ciudad del Maxico, 2001, pp. 141-158.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. A pálida história das artes visuais no Brasil. Onde estamos negras e negros? *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, 2019, p. 341-368.

STRATHERN, Marilyn. Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. *Mediações*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 83-104, jul./dez. 2009 (1987).

\_\_\_\_\_. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

WOBETO, Débora. Não foi Méliès: notas sobre o movimento #metoo e a notoriedade retrospectiva do cinema feito por mulheres. *(Syn)Thesis* (Rio de Janeiro), v. 13, p. 71-83, 2021.